

JECIANE DE PAULA OLIVEIRA
LAELBA SILVA BATISTA
AGNALDO RODRIGUES DA SILVA
Organizadores

Vivas

Caligrafias negras



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado



EDITORA
UNEMAT



INSTITUTO
FEDERAL

ViVas
Caligrafías negras

JECIANE DE PAULA OLIVEIRA
LAELBA SILVA BATISTA
AGNALDO RODRIGUES DA SILVA
(Organizadores)

ViVas Caligrafias negras

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado


EDITORA
UNEMAT


INSTITUTO
FEDERAL

Cáceres/MT - 2021

**PRODUÇÃO EDITORIAL
EDITORA UNEMAT 2021**

Copyright dos autores, 2021.

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Editora: Maria José Landivar de Figueiredo Barbosa

Capa: Potira Manoela de Moraes

Diagramação: Potira Manoela de Moraes

Dados de Catalogação na Fonte.

048v Oliveira, Jeciane de Paula.

**Vivas:-CaligrafiasNegras/ JecianedePaulaOliveira,
LaelbaSilvaBastistaeAgnaldoRodriguesdaSilva(orgs.).-
Cáceres, Editora UNEMAT, 2021.**


78 p.

ISBN 978-65-86866-52-0

**1.CulturaAfro-brasileira.2.LiteraturaNegra.3.Escrita
Feminina.IBatista,LaelbaSilva(org.).IISilva,AgnaldoRodrigues
da (org.). III. Título. IV. Título: Caligrafias Negras.**

CDU 821.134.3(81)-3

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

 <p>UNEMAT Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado</p> <p>Reitor Rodrigo Bruno Zanin</p> <p>Vice-reitora Nilce Maria da Silva</p>	<p>EDITORA UNEMAT</p> <p>Conselho Editorial Presidente Maria José Landivar de Figueiredo Barbosa</p> <p>Conselheiros Ana Maria de Lima • Carla Monteiro de Souza • Célia Regina Araújo Soares Lopes • Denise da Costa Boamorte Cortela • Fabiano Rodrigues de Melo • Ivete Cevallos • Judite de Azevedo do Carmo • Jussara de Araújo Gonçalves • Maria Aparecida Pereira Pierangeli • Milena Borges de Moraes • Teldo Anderson da Silva Pereira • Wagner Martins Santana Sampaio</p> <p>Suplentes André Luiz Nonato Ferraz • Graciela Constantino • João Aguiar Massaroto • Karina Nonato Mocheuti • Maria Cristina Martins de Figueiredo Bacovis • Nilce Maria da Silva • Ricardo Keich Umetsu • Sérgio Santos Silva Filho</p> <p>Av. Tancredo Neves, 1095 – Cavallhada III – Cáceres-MT – CEP 78217-900 – Fone: (65) 3221-0023 – editora@unemat.br – www.unemat.br</p>
--	--


UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado


EDITORA
UNEMAT


**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

Sumário

7	Apresentação
11	A menina e o livro
17	A mulher que resistiu
27	A solidão que mora (ou morre?) comigo
33	Cínica
45	Domesticada
49	Menina colorida
53	Menina negra
59	O abraço
65	Oito
69	Por trás de um sorriso
75	Sobre as autoras

Apresentação

O Brasil está marcado por uma história de silenciamento das minorias sociais e uma tentativa de apagamento das identidades dos indivíduos que destoam da branquitude masculina e hétera. Como bem destaca Silvio Luiz de Almeida (2018)¹, o racismo está entranhado nas estruturas da sociedade. Para Almeida (2018, p. 52, grifo do autor), “[...] mulheres negras são consideradas pouco capazes porque existe todo um sistema econômico, jurídico e político que perpetua essa condição de subalternidade”. Portanto, é diante desse estereótipo negativo acerca dessas mulheres que a sociedade reproduz seus padrões ideológicos, ou seja, as mantém subjulgadas e excluídas dos diversos espaços sociais.

Em diálogo com a obra de Simone de Beauvoir, Djamila Ribeiro (2017)² assinala que, se a mulher branca é o outro do homem, a mulher negra é o outro da mulher branca. Aqui a autora aponta para detenção de privilégios em que, nessa escala de

hierarquização, a mulher negra é a mais oprimida. A partir desse entendimento, o feminismo não pode ser visto como um movimento homogêneo que luta exatamente pelas mesmas questões. A categoria mulher é plural, múltipla, diversa e carrega em si diferentes formas de se relacionar com as diversas condições históricas.

De modo geral, historicamente, às mulheres negras são atribuídos trabalhos braçais e negado o direito à voz e à manifestação da sua intelectualidade. Essa mesma negação também ocorre com as mulheres indígenas, pois o discurso sobre si mesmas não é autoral. A imagem que se tem dessas mulheres foi construída literariamente a partir do olhar e da linguagem do outro. De acordo com Flávia Campos Silva (2018)³, as mulheres indígenas precisam reivindicar direitos como pertencentes a dois grupos com relativa fragilidade: os povos indígenas e o sujeito “mulher”. Nessa dinâmica, a história das mulheres negras e das mulheres indígenas apresentam pontos em comum: o silenciamento delas e o discurso sobre elas, construídos historicamente..

Ressalta-se ainda que a história da literatura brasileira é constituída predominantemente pela figura masculina. Ao longo dos anos, a produção literária feminina tem se destacado em meio às condições dos mais diversos tipos de preconceito como o machismo, sexismo, racismo, entre outros. São escritos potentes e de muita representatividade que através do acesso as mais diversas linguagens literárias, as mulheres constroem o seu espaço de visibilidade.

As reflexões acerca dessas questões destacaram a necessidade

3 SILVA, Flávia Campos. Mulheres indígenas e os espaços midiáticos: uma reflexão sobre silenciamento, memória e resistência. Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, IS-SN-e 2447-9543, Vol. 18, N°. 2, 2018, págs. 23-41. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6747441>. Acesso em: 31 de agosto de 2020

da realização de ações que potencializassem as vozes dessas mulheres, de modo a mostrar, no discurso da mulher negra e indígena, suas impressões/leituras sobre o mundo. Com esse objetivo, surgiu o I Concurso Literário de Contos – IFRO/UNEMAT – que deu origem a esta coletânea de contos. A submissão de textos obedeceu aos seguintes critérios: que os textos fossem produzidos por mulheres negras e/ou indígenas, residentes dos estados de Rondônia ou Mato Grosso há mais de doze meses. Dos muitos contos inscritos no concurso, foram selecionados dez textos inéditos.

Apesar da divulgação nas mídias sociais e de um longo período de inscrições (três meses), o Concurso não obteve, em plenitude, o resultado esperado, pois não houve candidatas indígenas inscritas, todas as inscritas foram mulheres que se autodeclararam negras. Se por um lado, essa situação marca um desejo evidente das mulheres negras em terem as suas escritas visibilizadas, revela também que o universo acadêmico ainda se mantém distante, de certo modo, das mulheres indígenas. Em face desse cenário, é indiscutível que ainda serão necessárias outras ações, caminhos e linguagens para que ocorra a aproximação e, principalmente, uma autocrítica institucional para se pensar sobre o real papel das instituições acadêmicas diante dessa problemática.

Dito isso, destaca-se que esta obra intenta o reconhecimento e a valorização da intelectualidade das mulheres negras, escritoras, cujos textos foram selecionados no Concurso. A intenção de valorizar o público destacado no projeto advém da consciência de que a desigualdade é marcada por três fatores intrinsecamente conectados, a classe social, a raça e o gênero, como assinala Heleieth Saffioti

(1987)⁴. A publicação desta obra é, portanto, uma oportunidade para que a comunidade possa reconstruir o seu imaginário sobre o sujeito mulher negra. Dessa maneira, essa iniciativa possibilitará que outras mulheres negras se vejam representadas, de alguma forma, na produção literária contemporânea.

A Comissão Organizadora

⁴ SAFFIOTI, Helieth. O poder do macho. São Paulo: Moderna. Coleção Polêmica, 1987.

A menina e o livro

Luciene Teodoro das Chagas Passos

Certo dia, uma pobre menina foi ao lixão da cidade em busca de alimentos e objetos descartados para levar para casa. Depois de caminhar por muito tempo, ela chegou ao seu destino. Então, ela se sentou em um morro de entulhos para descansar um pouco. Ao longe, conseguiu avistar um pequeno embrulho. E, rapidamente, desceu para apanhá-lo.

A garotinha pegou o pacote e ao abri-lo, observou que se tratava de um livro. Na capa dele, estava escrito “Livro mágico”.

– Oh! Eu encontrei um livro, agora serei uma garota muito feliz – pensou a garotinha.

A menina estava sentada a pensar, quando ouviu um suspiro.

Ela olhou para todos os lados e percebeu que realmente estava sozinha naquele lugar. Assustada, a pequena indagou:

– Quem está aí?

De repente, o livro abriu-se nas mãos dela e uma voz respondeu:

– Sou eu. Por que você está aqui, criança? Assustada, ela olhou para o livro e disse:

– Puxa vida! Você fala?

O livro afirmou prontamente:

– Sim, eu falo e escuto também. Estou esperando a sua resposta. O que faz por aqui?

– Sempre eu venho aqui, para ver se encontro alguma coisa que possa ser aproveitada em minha casa – respondeu a garota.

Após a resposta da menina, o livro ficou um pouco triste por descobrir que aquela criança necessitava de alimentos e outras coisas descartadas para sobreviver. Então, em um rápido movimento, o livro se esquivou da mão da menina, caindo ao chão e disse:

– Eu posso te ajudar, criança. Mas, para isso, você precisa cuidar e zelar de mim.

A garotinha já estava entusiasmada com as atitudes e falas do livro. Por isso, ela pensou: “eu sempre quis ter um livro novo mesmo, com certeza isso não será nenhum problema para mim”.

– Tudo bem, eu levarei você comigo – concordou a pequena.

No caminho de volta para casa, ela seguia a cantarolar, caminhava com entusiasmo e sentia uma alegria enorme em ter aquele livro em suas mãos.

Ao chegar em casa, a menina mostrou o livro para seus familiares, dizendo que estava muito feliz em ter um livro.

Distante dos demais, a pequena falou para o livro:

– Seja bem-vindo, agora esse será seu novo lar.

O livro estava incrédulo com a atitude da sua nova dona que até aquele momento não lhe havia pedido coisa alguma.

À noite, a família sentou-se em caixotes, para comer uma simples sopa de legumes. O livro observava que a menina não o deixava por nada. Ao término da refeição, a menina falou para os pais e irmãos, que ela precisava mostrar algo a eles. Logo, o livro pensou: “Ah! Até que demorou a começar a exploração de pedidos”.

Então, a menina pegou o livro, abriu-o e começou a ler algumas palavras. Em seguida falou:

– Eu estou muito feliz, pois agora eu tenho um grande amigo.

Os familiares aplaudiram, dizendo que estavam felizes em ouvir a leitura que ela havia realizado.

Passados alguns dias, a menina pegou o livro, colocou-o no bernal e retornou até o lixão em busca de alguns alimentos, que eram descartados naquele dia da semana. No caminho, ela conversava com o livro e falava que estava feliz em ter a companhia dele.

– Eu posso ajudá-la – disse o livro.

– Sim, eu sei – respondeu a menina.

No lixão, a menina observou o caminhão de despejo do mercado saindo e as pessoas já haviam catado os melhores alimentos, dentre os descartados pelos comerciantes.

Revoltado com aquela situação, o livro gritou:

– Eu posso te ajudar, criança! Basta você pedir o que deseja!

A menina coçou a cabeça, olhou para os catadores e disse:

– Quero que todas aquelas pessoas tenham alimentos, todos os dias em suas casas!

– Que assim seja - ordenou o livro!

Na volta para casa, o livro conversava com a garotinha,

mostrando que a vida dela poderia ser melhor, se porventura ela e sua família tivessem riquezas.

Mais uma vez, ele acompanhou a garotinha na hora da refeição. O livro ficou perplexo em perceber que aquela família era tão feliz com tão pouco. E começou a pensar que ele não era necessário naquele lar.

Na manhã seguinte, quando a menina acordou, ela ficou pensativa em ver que o livro se encontrava triste e desanimado, ao lado da cama.

– O que aconteceu? Você está triste? – perguntou a menina.

– Não aconteceu nada. O problema é que até hoje você não me fez nenhum pedido para beneficiar você e sua família – respondeu o livro.

Apressadamente, a garota sentou na cama, olhou para o livro e sorrindo falou:

– Certa vez, a minha mãe contou-me que quem encontra um livro, acha um tesouro. Eu achei você. E, quem tem um tesouro, tem tudo e não precisa pedir nada para si – comentou a garotinha.

Enquanto a menina conversava, o livro ficava cada vez mais admirado em ver que ela era tão inocente, e, ao mesmo tempo, tão sábia, que ele ponderou:

– Você, minha linda criança, é uma pessoa muito especial, mas eu sou nutrido por realizar desejos e sonhos. Permita-me partir ou use-me para oportunizar momentos mais felizes para você e sua família.

Quando a menina ouviu isso do amigo livro, logo ela pensou: “preciso falar sobre isso com os meus pais, pois eles saberão orientar-me sobre o que devo pedir”. Assim, a menina animou o livro dizendo que tão logo teria pedidos para ele realizar.

O livro ficou muito contente ao saber da decisão tomada pela criança, começando até mesmo a sorrir e cantarolar.

Naquela manhã, a menina saiu à procura dos pais e dos irmãos, que já estavam a catar papelões pela cidade. Quando ela os avistou, saiu correndo ao encontro deles, avisando que tinha uma grande surpresa que só poderia ser revelada em casa.

Os pais e os irmãos ficaram curiosos em relação à surpresa, então prontamente, resolveram acompanhá-la.

Na casa, a menina foi até o quarto, pegou o livro e veio até onde estava a sua família. Todos ficaram chateados, pensando que haviam abandonado o trabalho, apenas para ouvir mais uma leitura feita pela garota. Mas, antes que ela fosse repreendida pelos pais, ela falou:

– Eu fiquei feliz em encontrar esse livro, pois a mamãe sempre falou que quem acha um livro, ganha um tesouro. Então, eu já me sinto muito afortunada...

De repente, o pai da menina interrompeu-a, dizendo que a vida deles era muito difícil e que eles precisariam voltar ao trabalho, pois poderiam perder todos os materiais para reciclar que eles tinham conseguido até aquele momento.

A menina, apressadamente, mostrou o livro e disse:

– Ele não é um livro qualquer. Ele é um livro mágico.

A mãe já ia chamar a atenção da filha, quando o livro disse:

– Ela não está mentindo. Eu sou mesmo um livro mágico.

Assim que o livro falou, a família da menina rapidamente deu um passo para trás. Em seguida, a menina comentou que o livro realizava sonhos e desejos.

– Oba! Um livro mágico! – gritaram os irmãos da garotinha.

A menina solicitou aos pais que pedissem o que quisessem; ela já estava satisfeita, por possuir o livro que tanto a alegrava.

Após a fala da filha, os pais orientaram a menina a pedir ao livro: uma boa casa para eles morarem, alimentação, emprego para os pais, escola para ela e os irmãos.

E, assim, os desejos da família foram realizados e eles viveram felizes para sempre.

A mulher que resistiu

Elaine Márcia Souza Rosa

Eu cresci inscutano meu pai contá histórias sobre minha tataravó (carinhosamente apelidada por mim de Tata) que, segundo ele, era muito brava. Até que um dia, quando eu já era bem grandinha, inscutei de novo ele falá sobre ela, dizendo que era uma índia bugre que foi laçada no mato e amansada, feito bicho! Como eu já entendia mió das coisas fiquei matutando comigo naquilo tudo que meu pai falô... Muitas dúvidas rodeavam minha cabeça... Se minha tataravó era índia bugre, entonsse eu tamém era? E minha pele preta? E meu cabelo sarará? De onde viero? E afinal de contas, o que bugre queria dizer mermo? Meu pai contava que quano minha Tata ficava nervosa ela dizia que em cada rosquinha de cabelo dela tinha um “cateta”... Ela não falava bem o português e era assim que ela pronunciava “capeta”! Cada vez aumentavam mais e mais minhas dúvidas... Se minha tata era índia bugre, como o cabelo dela podia ser de “rosquinha” se índio tinha cabelo liso inscurrido?

Dúvidas aqui... Dúvidas ali... Mas minha vida corrida de criança não me deixava tempo pra mode acentá e preguntá as coisas pra meu pai... Até que isturdiazim, quando eu já era um tiquim mais maior, meu pai comentou que sua bisavó (que era minha tataravó) havia falecido com 115 anos de idade e que ela tinha os dente tudim na boca e que tamém trabaiô na roça até poucos dias antes de ir morá nos braços do Pai. Foi neste dia que joguei pra riba dele todas as minhas dúvidas! Preguntei e perguntei... E me encantei com as histórias de Francisca do Rego, mais conhecida como Chica do Rego – minha tataravó! E Preguntano, preguntano, vieram muitas respostas e muitas outras dúvidas também! Dúvidas estas que me levaram a pesquisá e descobrir algumas informações importantes sobre esta minha antepassada que aprendi a admirá!

Bom, a primeira coisa que minha curiosidade quis saber foi: “que história é essa de que minha Tata foi laçada no mato feito bicho?” E papai contô que naquele tempo, um rapaz da aldeia de minha Tata havia atirado no filho de um fazendeiro importante, que foi lá na aldeia se vingar e matô todo mundo! Todo mundo mermo! Homens, mulheres, idosos, crianças... Uma verdadeira chacina! E foi aí que de repente, um dos coronéis foi ver o que os cachorros estavam acuando e lá estava ela, uma criança piquena de uns quatro anos, encurralada entre um grande tronco de árvore e três cachorros... Minha Tata! Ela segurava nas mãos um pequeno graveto e rosnava enquanto tentava afugentar os cachorros, balançando aquele graveto... O coronel engatilhou a espingarda e apontou para ela... O olho na mira... O dedo no gatilho... Pronto para atirar! Foi quando o homem inscutou a voz do tenente gritando:

– “Num atira não! Deixa ela, eu vou levá esta negrinha pra mode amansar!”

E eu ouvi apavorada, meu pai contar que minha Tata, uma criança, então com quatro anos, foi trancada em um quartinho e atacava qualquer pessoa que tentava se aproximar dela... Disse que levou semanas para ser “amansada”... “Na base da fome e do chicote”! As lágrimas corriam soltas dos meus zóios, embolando na goela, enquanto ouvia aquela história... Meu coração batia forte, ingual cavalo a galope! Eu sentia um arrepio percorrendo meu corpo, era uma mistura de nojo, angústia e dor... Uma criança de quatro anos, que viu todos que conhecia sendo mortos e que foi “amansada na base da fome e do chicote”... não é de se admirá que ela, minha Tataravó Chica do Rego, fosse conhecida como uma muié muito brava! Para mim ela era uma muié forte, que foi lapidada pela vida e que teve que aprendê a si defendê!

Naquela noite eu não consegui preguntá mais nada... Fui pra casa com aquela história na cabeça e um gosto amargo na boca... Eram muitos pontos que não batiam... E eu não consegui dormir! Corri para o computador e comecei a pesquisá, em busca de esclarecê algumas das dúvidas que afligiam minha mente... E comecei fazendo contas... Papai disse que tinha por volta de sete anos quando minha Tata faleceu com 115 anos. Meu pai nasceu em 1937, isto quer dizer que minha Tata faleceu, no ano de 1944... Com 115 anos! Soma aqui, multiplica ali, subtrai acolá e chegamos ao ano de 1829... Data provável do nascimento de minha Tataravó! Se ela tinha por volta de quatro anos quando foi capturada, isto nos leva ao ano de 1833! Meu Deus! Mil oitocentos e trinta e três! Pesquisando um pouco mais, com a cabeça a mil, me dei conta de

que a tal Lei Áurea⁵, que declarou extinta a inscavidão no Brasil, só foi assinada em 1888! Assim, eu pude compreender que, minha Tataravó Chica do Rego não foi arrancada de sua aldeia, mas de um quilombo de escravos fugitivos! Por mode disso, foram todos, barbaramente, assassinados, porque era assim que faziam com os escravos fugitivos! Não que isso justifica! Essa matança toda não tem justificativa! Mas essa barbárie faz parte da nossa história.

A partir dessas compreensões, fiquei imaginando que talvez minha Tataravó tivesse nascido no quilombo, pois seria muito difícil uma escrava fugir com uma criança piquena nos braços! E ela era mestiça, pois meu pai se alembrava de que a pele dela não era muito retinta... Meu Deus! Além de tudo, ela era fruto de um abuso, como tantos e tantos escravos... Sobre o termo “bugre”, descobri que era uma forma pejorativa para “denominar os índios não cristãos”, trazendo uma ideia “de tudo que é negativo, indesejável e condenável”⁶.

Meu pai nasceu na região de Águas Boas, lá pras bandas de Minas Gerais, e buscando um pouco na história, descobri que nessa região havia várias comunidades quilombolas. Fiquei matutano comigo mesma em quanto sofrimento minha Tata foi obrigada a viver desde seu nascimento! Talvez, por isso, as pessoa se alembrava dela como uma mulher brava e até temida por muitos! Papai não se alembra muito de meu Tataravô, acredita que ele deve ter falecido quando ainda era muito pequeno... Só citou meu tataravô uma vez, quando contou a história de quando mataram o

5 Lei Áurea (Lei nº 3.353), foi sancionada pela Princesa Dona Isabel, filha de Dom Pedro II, no dia 13 de maio de 1888. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm. Acesso em: 10/02/2021.

6 SILVA, Wilson Matos da. Bugre ou Índio? Como tratar o nativo brasileiro? Disponível em: <https://www.progresso.com.br/variedades/bugre-ou-indio-como-tratar-o-nativo-brasileiro/65047/>. Acesso em: 10/02/2021.

cachorro de minha Tata... E que história! Essa eu tenho que contar pro cêis! Chica do Rego tinha por volta de 67 anos e era uma muié muito trabalhadeira, cuidava sozinha de seus animais e de sua roça de inhame. Era uma mulher respeitada, todos na região sabiam que com Chica do Rego não se brincava! Acontece que em certa ocasião Chica precisou viajar para visitar uma das filhas que estava doente e por conta disso ficou alguns dias fora. Quando retornou, a primeira coisa que perguntou para o marido foi:

– “Cadê o meu tachorro?”

Ela tinha um cachorro vira lata bem grande, do qual gostava muito. Aonde ela ia o cachorro estava junto! E ela estranhou quando chegou, porque o cachorro não estava lá para recebê-la! Foi quando meu tataravô respondeu:

– “Tá vendo aqueles urubus rodeando lá no alto do morro, perto do pé de carvalho? Seu cachorro tá lá, morto.”

– “Quem matou meu tachorro?”, perguntou Chica do Rego.

– “Foi o Manoel Lamparina. Seu cachorro foi lá e comeu umas galinhas dele. O cabra não gostou e matou ele”

Dizem que minha Tata apenas resmungou entre os dentes:

– “Se ele matô meu tachorro, vai tê que comê meu tachorro.”

Falou isso e entrou pro barraco com suas tralhas. A noite chegara e não havia lua no céu.

Meu pai conta que naqueles tempos não se usava pratos e nem talheres, o costume era a família se arrodar para comerem juntos em volta de uma gamela, uma espécie de bacia feita de madeira. Todos comiam ali, usando as mãos mesmo, fazendo as porções que chamavam de “tutu”. Era madrugada quando Chica do Rego acordou. Atiçou o fogo do fogão, preparou o café, que

tomou calmamente, amolou seu facão e ajustou na bainha da cintura, vasculhou o quintal com os olhos até encontrar em uma pequena árvore um bom galho que pudesse usar. Cortou o galho, retirou as ramas e com ele firme em suas mãos, caminhou rumo ao monte. Foi encontrar seu cachorro! Quando o meu tataravô deu por si, levantou avexado e ainda deu tempo de ver Chica do Rego virando a curva, lá longe! Correu para dentro e falou para o filho:

– “Vou atrás de Chica, que boa coisa não há de fazer!”

E ele foi, mas seguia Chica de longe... Ele a conhecia bem demais para saber que não conseguiria impedi-la! Quando chegou perto do carvalho, avistou Chica abaixada perto do cadáver de seu cachorro de estimação. Ela estava terminando de cortar a cabeça do cachorro, que já exalava mau cheiro!

– “Oh Chica, qué qui ocê vai fazê, muié? Larga disso!”.
Minha Tataravó Chica respondeu calmamente:

– “Ele num matô meu tachorro? Agora vai tê que comê!”

Falou isso levantando a cabeça do cachorro que acabara de cortar. Com o facão amolado na cintura, a cabeça do cachorro em uma mão e a vara na outra, continuou seu caminho. Andou por quase uma légua e meia. O sol já havia pontado, quando ela avistou a porteira das terras do sr. Manoel Lamparina. Ela parou na parte mais alta do caminho e pôde ver que lá embaixo, na área perto do barraco, onde ficava o fogão a lenha, estava Manoel, sua esposa e seus três filhos rapazes, em volta da gamela, comendo. Chica foi indo, calmamente, e quando chegou perto jogou a cabeça do cachorro dentro da gamela e sem que ninguém tivesse tempo de reagir, começou a bater nas costas do sr. Manoel com a vara que cortara, e enquanto batia dizia:

– “Taí meu tachorro! Vós micê não matô meu tachorro? Agora vós micê vai comê meu tachorro!”

E ela falava e batia, batia e falava! A mulher e os filhos do sr. Manoel, quando viram Chica do Rego jogar a cabeça do cachorro dentro da gamela e açoitar o Manoel com a vara, deram no pé! Quem era louco de encarar Chica do Rego numa hora dessas? Nisso, chegou meu tataravô e falou:

– “Já chega, Chica! Vamu simbora que ocê já vingô a morte do seu cachorro!”

Chica deu uma última varada no sr. Manoel Lamparina, que já estava caído no chão, olhou a gamela com a cabeça do cachorro dentro e falou:

– “Vós micê se alevante, ocê vai subi cumigo e vai furá um buraco pra mode interrá meu tachorro!”

O sr. Manoel, levantou meio bambo, pegou a enxada e seguiu Chica do Rego. Levou consigo a cabeça e providenciou, meio a contragosto, um enterro digno para o “tachorro” de minha Tata.

Foi por meio de histórias como estas que fui conhecendo a minha Tata, a minha origem, cultura, tradição e o modo de vida da minha família. Das muitas histórias que papai me contou, além dessa tem outra que também me marcou... Papai me contou que a Tata teve duas filhas e por alguma razão que desconheço, elas se casaram com o mesmo homem. Pelas lembranças de meu pai, nesta época, minha Tata vivia sozinha em um barraco perto uns 300 metros das casas de suas filhas... É, elas eram casadas com o mesmo homem, mas cada uma tinha sua casa e muitos filhos, que criavam juntas. Papai disse que nem sabia quem era filho de

quem... Acontece que meu bisavô, marido das duas irmãs, era um homem ruim, que maltratava as mulheres e os filhos... Um dia, ele estava agredindo uma das esposas e ela gritava... Minha Tata escutou a filha gritando, pegou sua espingarda e foi direto para a casa dela. Chegando, lá ela mirou e atirou no meu bisavô e gritou:

– “Ôcê tá batendo em minha fia, seu desgraçado? Ôcê num vai bater em minha fia! Eu num vô dexá” E atirou de novo!

Só que ela não estava perto o bastante para acertar o tiro, ela já era bem idosa e meu bisavô correu. Mas depois desse dia, ele nunca mais levantou a mão para bater nas mulheres... Ele tinha muito medo de Chica do Rego! Minha avó, mãe de meu pai, era filha de uma das filhas de Chica do Rego... Mas não sei direito de qual delas... Acho que nem meu pai sabe dizer! Acontece que quando minha avó se casou, foi morar em outro lugar a um dia de viagem de onde minhas bisas e minha Tata moravam. Um dia, chegou um rapaz avisando que Chica do Rego estava de cama e precisava de ajuda. Minha Avó deixou os filhos e seguiu viagem para cuidar da Tata... Na tarde do quinto dia que estava na casa de Chica do Rego ela acordou e falou para minha avó:

– “O que vóis micê faiz aqui, Ana?”

– “Vim cuidar da senhora, que tá doente.” Minha Tata respondeu, brava:

– “Eu num preciso de sê cuidada! Pois vóis micê trata de ir simbora pra cuidar de meus mininos e é agora!”

E minha avó Ana voltou para casa. Com Chica do Rego não se discutia. Minha avó caminhou um dia inteiro para chegar em casa, no outro dia cedinho, estava preparando o almoço, no fogão a lenha, quando chegou o mesmo rapaz dizendo:

– “Viajei a noite inteira para dizer pra vóis micê... Morreu Chica do Rego!” Minha avó Ana chorou, se lamentou...

– “Eu num divia de ter vindo... Mas quem discute com Chica do Rego?” O rapaz falou:

– “Pouco tempo depois que vóis micê saiu ela morreu.”

Ah! Como me orgulho de saber que em minha história existiu uma mulher tão forte, guerreira e determinada como Chica do Rego!

Hoje, quando a vida vem bater na minha cara ou me passar uma rasteira, me deixano agoniada, eu levanto a cabeça e digo para mim mesma: “Ocê é tataraneta de Chica do Rego! Tem o sangue dela correndo em suas veias, minina! Vai lá e peita a vida, diz pra ela que ocê não vai baixar sua cabeça, não! Modi quê ocê é tataraneta da muié que resistiu! Por 115 anos ela resistiu!”

A solidão que mora (ou morre?) comigo

Camila Rodrigues Francisco

Tinham dois tapetes iguais para serem revezados, um por vez, entre os sofás e a mesa de centro da sala. Ela resolveu lavá-los com uma vassoura, sabão e água, muita água, na área dos fundos da casa. Enquanto isso, ele cortava cebolas e distantes, dançavam juntos a canção que diz sobre a falta que faz um xodó. Aquela manhã de um domingo qualquer, entre sorrisos, com quase cortes e quase tombos, era a sua memória favorita. Não havia nada mais bonito que o cotidiano construído e compartilhado. Já para ele, não havia nada mais seguro que o conforto e a estabilidade. Sua memória favorita era de quando ele se punha a trabalhar aceleradamente em suas teclas, enquanto ela assistia a um filme, daqueles que a deixaria comovida. Quando terminava, corria pra chorar nos braços dele e ali ficavam sentados, sendo um do outro. Achava graça e admirava

o quanto as trivialidades a tocavam. Ali, encolhida e desesperada, ela quase dizia: promete que não vai embora? E era como se o peito dele, que pulsava sobre seu rosto encharcado, respondesse: eu não vou a lugar algum. Finalmente ela se acalmava, ele lhe dava um beijo de boa noite e avançava madrugada adentro, enquanto ela adormecia. Quando ele finalmente ia dormir, a beijava na bochecha direita, a única parte visível do rosto e do corpo envolto nas cobertas.

Estavam juntos há tanto tempo agora, que os acordos iniciais, feitos com excesso de diálogos e combinados, pareciam ter nascido com a relação. Tinham apenas dois termos: sempre respeitar os momentos individuais e nunca magoar um ao outro de maneira intencional. Com essa simplicidade, iam construindo uma vida atravessada pelas grandes complexidades do racismo no cotidiano. Eram parceiros. De trabalho, de comida, de corrida, de noite romântica de jantar e forró nas sextas-feiras, de leituras, de soneca da tarde na rede no fim de semana, de visitas familiares, de babá de sobrinhos. De lágrimas e de sorrisos. Eram grandes sozinhos, mas juntos, eram intermináveis. Se bastavam individualmente, mas juntos eram admiráveis. Eram fiéis às sextas, ao seriado favorito e aos corações que se pertenciam. Encontrar outro corpo no caminho era permitido e encorajado.

Ela se deu por satisfeita, quando descreveu estas duas cenas isoladas com vivacidade e riqueza de detalhes. Talvez aquele lugar tão branco, colorido apenas pelos olhos e equipamentos de segurança, vazio de significações e cheio de esperanças tenha sido a inspiração. Talvez a febre escaldante, combinada com as medicações para reduzi-la. Talvez o desejo reiterado de ser tocada,

admirada, beijada, amada de maneira recíproca, de encontrar uma parceira-companheira como ela mesmo era. Parecia ter escrito uma sina para si: “o romance que eu escrevi e nunca vivi”. Em meio à fragilidade do corpo sonolento e adoecido, esta foi a última frase que escreveu e deveria ser o título.

Aos 30 anos, era bem sucedida profissionalmente e financeiramente; era, na prática, a única representante de seus sonhos na Terra. Nasceu no interior de uma cidade muito pequena e à medida que foi traçando sua história para fora dela, temia o caminho de volta. Passava tempo demais fora – temendo as cobranças do pouco tempo que passava dentro. Ainda era subestimada, ainda duvidavam dela por onde ela passava, mas pelo menos agora tinha evidências para acreditar em si mesma: o próprio caminho. Nutria sua família com dinheiro e afeto a distância, pois voltar lá poderia custar sua segurança tão fragilmente construída. Seus breves casos duravam entre duas noites e três meses. Não podiam ser contados a ninguém ou não duravam tempo suficiente para se tornarem públicos. Passou de não ser boa o suficiente, para ser apresentada a boa demais pra ser amada. Intimidava os homens. Temia as mulheres. Amou muito, amou profundamente, mas nunca em sincronia.

Era uma criança sensível e que facilmente adoecia. Comemorou quando sua bronquite de infância deu lugar a uma rinite de estimação, que pelo menos era ocasional e bastante seletiva. Aprendeu a amar cada parte de si e suas extensões – seu apartamento, suas plantas, seus bichos, seus livros, suas velas. Por isso não era qualquer um ou uma que entrava lá. Se o beijo fosse

bom e o momento fosse propício, avançaria noite adentro. Se a sintonia fosse bacana, já dizia logo que queria mais que os encontros eventuais. Não estava fechada ao casual, mas estava cansada disso ser a regra. Mas essa conversa sobre querer mais nunca acontecia: com eles, era o motivo da partida e com elas, era ela quem partia. Passava longos períodos de tempo sem tocar ou ser tocada por outro corpo, mas preferia assim. Queria reciprocidade, sintonia, e era fácil seguir sabendo bem o que queria. Não tinha pressa para os belos encontros. De todos os sonhos que teve para si, só faltou esse tal de amor. Esse que ela viu nas tias que apanhavam dos maridos, nos pais que ficavam juntos por conveniência, nos relacionamentos violentos das amigas... Todos chamados de “amor”, “vida”, “amor da minha vida”. Assim como aqueles que entraram e saíram da sua vida, levando tudo sem deixar nada. Não entendia. Aquele amor dos livros, dos filmes ela não via, não sentia, não chegava, aquele “para sempre” nunca era agora. Então, passou do desejo externamente modulado à fantasia internamente ficcionada. Escrevia os seus amores, do jeitinho que ela os queria.

Trabalhava com pessoas que viajavam para o exterior o tempo todo – ela mesma havia viajado a trabalho duas vezes, além das inúmeras andanças dentro do país. Gostava de provar as comidas dos lugares e ouvir as histórias das praças, por onde passava. Quando adoeceu, não percebeu. Se sentiu mais cansada que o normal. Tossiu e achou que fosse uma nova alergia. Quando se viu febril, procurou o hospital e já puxando o ar com mais dificuldade, foi entubada e cansada, adormeceu.

–“Nunca viveu, preta? É sério?”

Ele disse baixinho enquanto eu abria os olhos, sinalizando para o papel que eu tinha escrito, agora em suas mãos e, tocando as minhas, se aproximou e começou a falar ininterruptamente sobre as aventuras dos plantões da enfermagem, o médico querido e a médica grosseira; como teve que andar quase oito quadras para encontrar o cappuccino de máquina que era o nosso favorito; sobre os pacientes que chegaram, os que se foram e os que não voltaram. Tinha os olhos marejados e não segurou as lágrimas quando disse “Eu fiz o que eu podia pra não pensar que talvez você não voltaria”. Sorri, pedi o tal cappuccino, um beijo e um pão de queijo. Olhei pro teto embranquecido e ali, sozinha, pensei que a solidão da qual fui anfitriã me tornou capaz de suportar qualquer coisa, inclusive partir sem poder sentir o amor que eu mesma escrevi. E que ainda que eu fosse meu próprio lar e pudesse alcançar tudo o que eu desejasse, embora eu fosse capaz de vencer mais essa batalha, fosse muito feliz sendo tão minha, se eu tivesse que escolher, eu não sei se só por mim, eu voltaria.

Cinica

Elizabete Batista Ferreira Marques

Enquanto Clara enrolava seus cachos com os dedos e aguardava sua vez da cesariana – as maternidades contemporâneas de hospitais são como um *drive-thru* de *fast-food*: escolha seu combo, pague e leve para casa rapidamente, para não atrapalhar a fila e a economia – ela já planejava como seria o futuro da menina. Mas, rapidamente, apareceu o médico atrapalhando seus devaneios, para anunciar que seu momento na fila do *drive-thru* havia chegado, e assim foi ela para retirar o pedido. Ao mesmo tempo pensava se era melhor ter escolhido um parto normal, mas iria ser demorado demais, desse modo, a escolha que fez foi a certa.

De volta a sua casa, apesar de finalmente poder se deitar em uma cama que pudesse chamar de sua, Clara já se frustrava por saber que passaria a madrugada em claro para cuidar da bebê. Mas, ao cair da noite, a pequena Catarina, para o espanto de todos, não deu nem um piu, muito pelo contrário, dormiu como

uma pedrinha em um rio de águas calmas. Assim, permaneceu por todos os dias seguintes, por conseguinte, ganhou o posto de favorita, afinal, apesar de negarem todos, até entre os herdeiros tem-se o que leva mais vantagem.

Com a vinda dos anos seguintes, e diante da pacificidade idônea da caçula, as irmãs mais velhas, Ana e Amanda, tentaram de tudo para desestabilizar a pobre coitada, que só queria descansar e desfrutar calmamente dos dias e noites. Nesse sentido, de início, elas tentaram colocar pedras no travesseiro da irmã, na tentativa falha de abalar as longuíssimas sonecas da bebê, no entanto percebendo que não funcionou, aumentaram o nível das investidas e colocaram caldo de pimenta dedo-de-moça na chupeta da menina. Nem é preciso dizer que em nenhuma das vezes deu certo o resultado esperado, para infelicidade das mais velhas. Somente depois de anos, com as muitas reclamações de Carla, a babá merecedora do título de “a mais atribulada da cidade”, e o flagrante extremamente paralisante dos pais, que ao chegarem mais cedo de uma viagem de trabalho da empresa da família, se depararam com as irmãs mais velhas armando mais uma vez contra a caçula, que, por pouco, iam misturar o conhaque roubado do barzinho suspenso à mamadeira da irmã. Diante disso, as duas meninas foram mandadas para um rigoroso colégio, em regime de internato, na Itália.

– Você não pode nos mandar para um Ateneu por conta de umas brincadeiras, isso é injusto, esbravejava Ana.

– Só estávamos tentando causar uma reação mais energética nela, choramingava Amanda, enquanto tentava arrumar sua mala suficientemente equilibrada: nem muito simples, para não ser alvo de estigmas de classe – pois, como sempre alertava sua mãe “Pessoas

da nossa cor devem se vestir muito bem, para não serem vítimas de olhares maldosos, críticas que os brancos não receberiam usando as mesmas vestimentas” – nem nada muito chique, para não ser roubada.

Quando a casa finalmente se encontrava silenciosa, após a partida das garotas, a mãe teve um lapso de consciência e dúvida.

– Ela me parece muito serena, por vezes, até demais. Não que eu esteja reclamando de poder ter um pouco de calma na casa, mas a pequena não deveria estar brincando e espalhando peças de lego para que pisássemos e pudéssemos sentir uma dor insuportável nos pés ao chegar do trabalho cansados? Ah, deixa par lá, devo estar enlouquecendo, falou consigo mesma.

No entanto, conforme Catarina ia crescendo, mais a dúvida súbita que a mãe tivera anteriormente tornava-se consistente, visto que as necessidades de descanso e sonecas da criança não tinham limites. Em defesa daquela plácida criatura, pode-se mencionar que ela não era tola, nem lhe faltava discernimento das faculdades mentais, ao contrário, era inteligente, mas somente abria a boca para falar quando necessário, não gostava de gastar tempo e energia dando bom dia aos cavalos. Na melhor das hipóteses, chamaríam-na de econômica. Ela, por sua vez, futuramente, preferiu autointitular-se de minimalista.

Inestimada por muitos, pelo seu jeito calmo, até demais, de ser, Catarina acabou despertando o afeto devoto de sua avó. Giandra, no auge dos seus 70 anos, era uma mulher negra de pele clara e cabelos crespos ruivos, extremamente respeitada e vigorosa em sua presença. Afinal, com muito esforço e dedicação, conseguiu na década de 50, lutar contra os muitos preconceitos

sofridos, criar todos os filhos sozinha e ainda fundar e administrar a vitalícia empresa da família. Não que tivesse sido como num filme romântico e ideal de lindas cenas, foi extremamente exaustivo para ela e, por esse motivo, sempre se esforçou para dar prioridade à educação de seus filhos, que conseguiu com maestria e cansaço. Por isso, agora, ela queria descansar, além disso, não via mal algum no estilo tão manso de ser da neta.

Todos estranhavam os momentos nos quais as duas passavam juntas. Ao contrário da maioria dos passeios do século XXI, elas gostavam de passear no quintal de casa, tomando uma brisa ou cuidando das orquídeas, as quais a avó era fascinada e ensinava a neta a cuidar também. Entretanto, embora houvesse ali uma relação familiar saudável, essa saúde toda não aplacava a preocupação da mãe, que temia pelo futuro da criança, afinal, como ela seria vista pela sociedade? Clara lembrava que ela fora criada para ser independente, forte e feroz. Vivia sempre dizendo que para ser considerada boa nesse mundo, uma mulher negra tinha que ser excelente! Para receber um 7, teria que tirar um 10. Sempre teria que se esforçar mais que todos, para ser igualmente reconhecida, juntamente com aqueles que não precisaram de esforço. Doía pensar nisso toda vez que vinha à mente, mas ela sabia que a sociedade não aceitava o minimalismo como modo de vida para todos. Alguns eram tratados de maneira diferente, simplesmente por serem quem são.

Fora as preocupações maternas, tudo ia de maneira calma e acostumada, até que chegou o momento de Catarina ir para o ensino fundamental. Ela sabia que isso não iria dar certo quando notou que, diferentemente do jardim de infância, as séries regulares

dali em diante não tinham o horário da soneca. Durante as aulas, ela tentava se esforçar ao máximo para não acabar dormindo, mas terminava cochilando entre uma explicação e outra. Alguns professores até tentaram mandá-la para a diretoria toda vez que a flagravam dormindo, a fim de resolver o problema com punições, mas de nada adiantou o método de Foucault, pois a menina acabava tirando umas sonecas, mesmo na própria diretoria. Todavia, contrariando às expectativas, ela se saía bem nos exames escolares.

No momento de fazer a escolha de qual modalidade da disciplina de Educação Física gostaria de fazer, entre dança, futebol, karatê ou musculação, Catarina optou pela última, porque, assim, poderia ao menos fazer as atividades sentada nos equipamentos, uma vez que para ela quanto mais descanso melhor. Até que em uma manhã a educadora física explodiu em gritos irritados, quando viu Catarina dormindo no colchonete de ginástica, enquanto fazia abdominais. Para o pavor do Diretor, que temia perder clientes, os pais foram convocados para uma reunião emergencial com os docentes.

– Essa menina não tem jeito mais, é uma insolente, tem tudo na mão, por isso é desse jeito. A culpa é toda de vocês que não a criaram direito e não mostram para ela o mundo que terá que enfrentar adiante, exclamou atordoada a professora de Educação Física.

– Pois comigo ela também aprontou, contou o professor de Artes, esses dias na aula de culinária ela fez um bolo de banana com aveia apenas misturando esses dois ingredientes. Ao questioná-la, ela disse que era uma obra minimalista, tive que retrucar chamando-a de cínica.

Sem saber mais para quem pedir desculpas, os pais saíram da reunião, ou desabafo docente, completamente envergonhados. Decidido, então, a ter uma séria conversa com Catarina, o pai a chamou para um canto da sala de estar.

– Então, Cat, esse tipo de situação já está intolerável. Nós somos sua família e prezamos por você do jeito que é, mas nem todos irão ter a mesma paciência contigo. Isso não pode continuar ocorrendo mais. Chega de sonecas, cochilos, minimalismos ou seja lá o que queira chamar isso. Seus professores já não a aguentam mais e chegaram a chamá-la de cínica, hoje. Ademais, pense em todo o esforço que eu e sua mãe fazemos para te criar e lembre-se de que nós, negros, temos sempre uma pressão a mais. Pegue o exemplo de suas irmãs! Amanda está se tornando uma estilista famosa, na Europa. E a Ana, cada dia mais, é reconhecida como atleta, conseguiu no mês passado entrar para o time oficial, na modalidade de salto a distância. Entenda nossa situação, esperamos mais de você.

Catarina ouviu tudo com o mesmo olhar plácido e, como sempre, demasiadamente calmo. Após ter a convicção de que o pai havia terminado o sermão, disse serenamente:

– Estimado pai, é com grande consternação que ouço tais preocupações aqui expostas. Mas, sobretudo, é com muita tristeza que percebo o quanto minhas irmãs se tornaram seres de tão pouca felicidade. Veja só, Amanda, contribuindo para o apogeu de uma marca de roupas que utiliza trabalho escravo asiático, e Ana passa a vida pulando feito uma louca. Não seria melhor deixarmos as roupas significarem apenas roupas e a atividade de grandes saltos para os cangurus? Quando elas pararão para viver?

Existe vida além do mercado. Além do mais, eu sou cínica sim. Sou adepta da escola filosófica do cinismo, pratico o desaparego dos bens materiais, vivo de acordo com a natureza, sempre buscando autoconhecimento. Entendo-me como mulher negra e sei que em nada mereço menos, portanto, luto pela minha liberdade e meu direito de escolher viver livre dessas pressões. Do mesmo modo que, no período helenista, a Grécia foi invadida por Alexandre da Macedônia, me sinto invadida.

Após ficar atônito com a defesa da menina e vê-la levantar e dirigir-se até a espreguiçadeira do quintal, o pai logo soube que não teria jeito. Concluiu que deveria desistir da ideia de tentar encaixar a menina em um modelo que claramente ela não caberia, não por ser pequena, mas por ser grande demais àqueles moldes.

Catarina acabou se formando na escola com suas regulares boas notas, mas sempre indo contra à educação bancária, em que o aluno é mero expectador, pois nem isso ela era, já que acabava dormindo, e lutando sempre contra os estigmas de cor e de gênero, além de, prontamente, nunca concordar com o modelo positivista-capitalista de progresso e concorrência. Apesar do sucesso escolar, os pais de Catarina, agora, tinham preocupações maiores: em qual lugar ela se encaixaria no mercado de trabalho.

– Não vejo onde colocá-la para trabalhar. Se já é difícil para uma mulher negra conseguir um emprego, imagine para ela, que é minimalista... Se a pusessemos em nossa empresa, seja qual fosse o setor, iria à falência no mesmo momento, além de que ela não seria um bom exemplo para os outros empregados, devido as suas longas sonecas, lamentava a mãe ao pai.

Ouvindo tais lamentos, a senhora Giandra decidiu que

levaria, então, a neta para sua mansão campesina, a fim de que a garota trabalhasse como cuidadora de suas orquídeas, que, segundo ela, estavam muito solitárias lá. E assim aconteceu. Catarina organizou poucas roupas, das quais jurava que nem iria precisar de todas, pois o mais importante era levar seu travesseiro e mudou-se, temporariamente, para a mansão da avó, prometendo voltar à casa dos pais todos os finais de semana.

O serviço para o qual ela foi contratada era realmente condizente com suas habilidades. A garota passava os dias inteiros contemplando o jardim e acariciando as antes solitárias orquídeas, às vezes, também fazia trabalho extra ao tentar adivinhar por horas os formatos das nuvens que pairavam sobre o céu e à noite ficava lendo e explicando para a avó os livros de literatura clássica e brasileira dos quais gostava, além de ensinar um pouco filosofia, enquanto tomavam juntas uma ou duas taças de vinho, embora essa última parte não fosse considerada, por ela, como um trabalho. Os anos lá estavam sendo maravilhosos para ela. Os finais de semana, no entanto, eram os momentos mais turbulentos que Catarina poderia enfrentar, pois aguentar suas irmãs, que também faziam visitas regulares aos pais, não era de longe a tarefa mais fácil, porém, ela nunca perdia a placência, para o alívio de todos e ódio das irmãs.

Todavia, em uma noite chuvosa, ao passar como de costume lendo para sua avó, Catarina percebeu que na manhã seguinte ela se encontrava do mesmo jeito em que ficara na noite anterior, ainda com o livro posto em seu colo e a taça de vinho por terminar, ao lado da cômoda. E, pela primeira vez, Catarina sentiu o que era a ausência de paz, experimentou, então, o seu coração ficar cada vez mais vazio. Em um momento de pesar foi até as orquídeas do

jardim e seus semblantes não pareceram mais felizes. Ao contrário da calma de Catarina, a turbulência para a divisão dos bens da avó foi imposta vorazmente pelos parentes, que decidiram recorrer aos meios jurídicos para tentar retirar pelo menos um pouco dos bens pertencentes agora a ela, uma vez que a avó deixara todo o seu patrimônio exclusivamente a sua neta estimada. No entanto, as solicitações de partilha dos bens foram negadas, e a serena mulher que Catarina se tornou herdou todos eles. Houve, então, um alvoroço na sessão e as irmãs tentaram jogar sapatos e bolsas nela, com o intuito de tentar exteriorizar a raiva que sentiam.

– Sua desafortada! Não é justo ficar com tudo, você nunca fez nada para merecer, nós sim sacrificamos tudo e ficamos sem nada. Justiça! Justiça! Justiça! Gritava Ana, enquanto arrancava os cabelos com as próprias mãos de tanto nervoso.

– Eu transformo o mundo da moda e emprego milhares de pessoas na Indonésia. Já essa daí não faz nada além de apenas respirar o dia todo. Se eu cheguei aonde cheguei, foi porque eu mereci! Quero minha herança, eu mereço! Falava Amanda, ao mesmo passo em que chorava, assoando o nariz em um lenço de seda rosa cintilante com fios de ouro... Feito na Indonésia.

Para acalmar a situação catastrófica, um policial, designado ao tribunal, veio ao encontro de Catarina para protegê-la das agressões. Ao ser, enfim, escoltada com segurança até sua agora mansão, ela pode finalmente agradecer, olhando nos olhos do policial. Conseguiu, naquele instante, reconhecer a calma, que sempre esteve nela, também no olhar dele.

Catarina nunca havia ligado muito para essa questão de romance. Sempre que lia alguma obra da segunda geração do

romantismo, sabia exatamente que não gostaria de sentir aquilo; pelo que sabia, o amor demandava muito desgaste, muita atividade e ela era minimalista. Mas, quando seus olhos castanhos encontraram o castanho dos de Rafael, o policial do tribunal, ela só sentiu tranquilidade. Após um período, quando ela percebeu que aquilo que tinham não demandava muito esforço, decidiu-se ceder ao amor. Até porque, suas noites de sono passaram a ter mais qualidade, assim, poderia aproveitar para dormir melhor. Considerou isso uma boa ideia. Rafael, por sua vez, admirava a calma e placidez de Catarina, que se tornou, após longos cortejos e muitas sonecas sua esposa. Nunca tinha visto algo tão reconfortante de se ver como o semblante de Catarina dormindo. Não a achava de maneira alguma entediante, pelo contrário, encontrava na personalidade dela a calma que tanto precisava, depois de enfrentar seus árduos e tensos dias de trabalho. Os dois provaram para si mesmos que toda tampa tem sua panela, ou melhor, toda soneca tem seu travesseiro. Com alguns anos vieram as filhas do casal, duas meninas gêmeas, que Catarina deu o nome de Brisa e Orquídea, pois eram duas coisas das quais mais gostava no mundo. As meninas puxaram o temperamento da mãe, a pele em tom de caramelo do pai e os cabelos ruivos da avó. Posteriormente, tornaram-se também adeptas ao minimalismo e à escola cínica de filosofia.

E quando, enfim, chegou aos seus noventa e um anos, bebeu sua habitual taça de vinho, que nunca fez questão de saber o nome, achava que demandava muito esforço gastar sua memória decorando-os, preferia apreciar o gosto, e, assim, dormiu em sua querida cama pela última vez.

Catarina não mudou o mundo, mas poupou-o de muita coisa desnecessária. Ela mostrou que todos temos o direito de ser quem somos, que as coisas mais importantes da vida estão perto de nós o tempo todo, e que, por vezes, gastamos energia tentando encontrar o que já temos. Sua jornada provou que existe vida além da discórdia, existe ordem além da turbulência e existe arco-íris além da tempestade.

Domesticada

Patrícia Pereira da Silva

Era verão na Amazônia Sul-Occidental, os ipês estavam floridos, tínhamos acabado de viver uma das maiores cheias históricas do rio Madeira. Eu e ela morávamos na Zona Norte da cidade, uma zona de baixada, várzea, igapós. O cheiro de rio sempre invade os esgotos desta área. Olhávamos a vizinhança e eu pensava: “vida louva, vida breve”. Cazuza sussurrando em minha mente...

Nos observávamos, ela lá e eu cá. Na mesma rua. Aquela senhora não parecia tão conveniente. A verdade é que, muitas vezes, sabemos de uma pessoa aquilo que os outros contam delas e nunca pelo que elas dizem de si mesmas. Naquele momento, suspeitei que aquela mulher vivia um mundo paralelo, diferente daquele que ela própria pensara. Talvez ela vivesse num mundo onde estava acostumada a viver e não contemplar para além das extremidades.

[Eu só gostaria que Maricota enxergasse outras bordas das extremidades mais extremas].

Nascida na beira do Madeira, essa fulana de quem venho falando, – Cês já sabem, né?! Vou me ajeitar aqui para contar a história dela – de repente... Lá no Mirarí, mais conhecido por Seringal Paraíso, isso segundo informações de terceiros, porque eu mesma não tenho fatos, apenas evidência de que se sucedeu dessa forma a trajetória dessa dona menina.

Lá, lá, lá ou bem ali, nascia dona Maricota, filha de imigrantes nordestinos. Seu pai, era maranhense, filho de um ex-escravizado; sua mãe era uma amazonense perrechê. Do arranjo conjugal de Miltin e Florzinha nasceu a menina preta e pobre Maricota.

Maricota cresceu no Seringal Paraíso, seu pai tinha autoridade e comandava outros seringueiros desta região. Segundo informações do povo da baixa, Maricota era uma cunhã danada, aprontava todas e mais um pouco. No decorrer dos anos e ficando mais velha, Maricota percebeu que devia trabalhar e seguir seu rumo. Depois do suicídio do seu irmão mais velho, toda a família ficara desestruturada, resolvendo, assim, morar na Cidade – zona urbana. Foi aí que a fulana, minha colega aqui de Zona, bairro e rua, resolveu que trabalharia para uma família importante daquela cidade. Aos 15 anos começou a trabalhar de babá – emprego propício para mulheres de cor –, logo teve que viajar com os patrões e morar com eles. Passou anos nessa labuta, embora, pelo que eu vejo aqui de casa, ela continua, trabalhando, servindo, passando,

cozinhando, cuidando dos outros e para os outros. Não teve um só dia que Maricota não cuidou dos outros. Domesticada, sempre fez o que eles queriam, seus patrões – essas são informações de terceiros –, mesmo quando estava adoentada não fugia do serviço.

Nos seus trinta e poucos anos (dizem as más línguas), Maricota conheceu um boy, um homem lindo, alto, garboso e branco – tô aqui pensando, que homem ia querer Maricota senão um homem branco? –, apaixonada e achando que teria um futuro e uma família ao lado dele, engravidou-se. Quando estava com oito meses de gestação, Maricota foi ao trabalho como de costume, mas ao chegar em casa encontra um bilhete do boy: “fui procurar emprego”, e o desgraçado nunca mais voltou.

Domesticada, Maricota, encontra um emprego para ser babá novamente. Quase pra parir e sem condições de criar a cunhatã, entrega para os seus pais cuidarem dela. Maricota dedica todo o tempo de existência de sua filha aos patrões e filhos, para “cuidar” de sua filha, cuidar financeiramente, porque entre Maricota e sua filha há uma solidão e uma saudade, que o tempo não recupera.

Dedicada e domesticada, os patrões sempre vieram em primeiro lugar na vida de Maricota. Para ela, eles sabem mais, eles têm mais poder, eles são mais inteligentes, eles nunca erram, ela ama-os. Todos os dias ela prova o seu amor a eles. Soube recentemente, por um conhecido de Maricota, que ela estava muito feliz. Seus patrões tinham mudado para um apartamento maior e ela ganharia um presente, como sempre ganha deles: armários usados, fogão usado, travesseiros usados, roupas usadas, aqui acolá algo de valor, um pouco menor, ela ganha novo.

Então esse conhecido me disse que o presente que Maricota ganhou foi um banheiro. Pensei: um banheiro? Ele disse: um banheiro na casa nova. Segundo ela fica perto da porta dos fundos do apartamento. E ainda acrescentou: Maricota disse que o seu patrão deixa de cagar no banheiro dele para cagar no dela.

Era verão na Amazônia Sul-Occidental, os ipês estavam floridos, tínhamos acabado de viver uma das maiores cheias históricas do Rio Madeira. Eu e ela morávamos na Zona Norte da cidade, uma zona de baixada, várzea, igapós. O cheiro de rio sempre invade os esgotos desta área. Olhávamos a vizinhança e eu pensava: “vida louca, vida breve”. Cazuza sussurrando em minha mente...

Menina colorida

Vanessa souza Batista

Oh! Lá vem aquela menina negra, com seu balanço natural, com seus cabelos encaracolados soltos ao vento.

Todos os dias ela é vista nas ruas, se destacava e chamava a atenção por onde passava, pois onde ela morava não havia outra como ela.

Sua melhor companhia era sua xícara de café, e todos os dias a menina se sentava na varanda de sua casa, e com a xícara de café nas mãos, resolvia sonhar.

Um dia aconteceu algo inusitado. E vinha aquela menina negra, com seu olhar sem brilho, andando cabisbaixa, e seus suspiros exalavam tristeza.

De tardezinha, ela pega sua xícara de café, senta-se na varanda e começa a chorar. Sua xícara se assusta, porque nunca tinha visto ela daquele jeito, e na mesma hora pergunta:

– Por que você chora menina bonita?

Imediatamente, em meio às lágrimas e com soluços, ela responde:

– Não me sinto bem, sou diferente de todo mundo! A xícara interrompe e diz:

– Você não é diferente, você é igual a todo mundo! A menina respira fundo e diz:

– Eu só estou cansada! Cansada de zombarem da minha cor, cansada de falarem do meu cabelo. Ando pelas ruas, e escuto os cochichos maldosos e as piadinhas sem graça.

Neste momento a xícara se comoveu e disse:

– No dia em que você se encontrar, no dia em que você se olhar no espelho e gostar do que vê, você não irá se importar com tudo isso.

E, assim, foram alguns dias tristes dessa menina.

Ela já não sorria como antes, passaram-se os dias e sua luz se apagava mais e mais. Até que tudo torna-se escuro. Ela se afoga nessa condição e até parou de sonhar.

Mas, teve uma noite que algo aconteceu. A janela estava aberta. A lua brilhava bem distante. O vento soprava e balançava as cortinas lentamente. Ela estava deitada em sua cama, com as pernas para o ar, e de repente ela recebe uma visita inusitada.

Chegou a jovem borboleta, pousou na ponta de seu nariz e balançou suas asinhas, era uma borboleta linda e muito colorida. Foi nessa noite que a menina decidiu mudar.

Após a noite longa, a menina levantou mais cedo que o normal, correu, tomou seu banho, lavou os seus cabelos e resolveu se olhar no espelho.

No fim daquele dia, como de costume, ela se senta na varanda com sua melhor companhia, só que algo estava diferente, e imediatamente a xícara lhe pergunta:

– Ah, menina! Que sorriso mais lindo é este? O que você fez para ser assim tão linda e tão livre?

Com um belo sorriso ela responde:

– Me olhei no espelho e gostei do que eu vi. Depois de chorar rios, resolvi sorrir, depois de ser humilhada pela minha cor, eu resolvi me colorir...

Menina negra

Eliane da Silva Deniz

Era pequena, muito pequena. Andava encurvada com o olhar sempre fixo para o chão. Pai não tinha, apenas supunha quem fosse, porque ouvia burburinhos de alguns vizinhos e parentes, mas não tinha. Em casa, o assunto era proibido pelo padrasto e a mãe nunca falara uma palavra sobre ele. Ela, mulher calada, vivia com um homem estúpido e agressivo, no subúrbio. Sempre sofrera violência doméstica, o início era sempre o mesmo: ele chegava bêbado do trabalho, manifestava insatisfação com a comida, com uma roupa que demorava a chegar em suas mãos, com um conhecido ou conhecida que chegava ao portão e a mulher dava-lhe atenção. A partir daí, começavam os pequenos xingamentos e, em seguida, vinham todos os tipos imagináveis de castigos físicos e humilhações.

Por vezes, ele mandava a mulher colocar uma chaleira com água no fogo e quando percebia que a temperatura já estava a seu gosto, o homem despejava todo o líquido no corpo magro dela.

Ela permanecia sempre calada. Resignada a sua humilhação, não chorava, não expressava emoção. Eram dores contidas que nunca foram divididas com ninguém. Havia anos que se encontrava em um mundo distante, esquecera de si, esquecera da filha. Seus olhos eram vazios, sem brilho, sem esperança, habitavam em algum lugar muito distante do mundo real.

As casas da comunidade, que a mulher morava, eram bem próximas umas das outras, tudo muito apertadinho como em muitos bairros de periférica. Os vizinhos sabiam da violência sofrida, vez ou outra a mulher aparecia na rua com o rosto ou o olho inchado, mas não se metiam em briga de marido e mulher, não chamavam a polícia. Nada faziam a não ser comentar, cochichar, uns com os outros, sobre o que se passava entre as paredes da casa. Para eles, ela não era a primeira nem a última, e se apanhava, era porque fazia por merecer.

Em alguns momentos, a criança presenciava as cenas de violência e quase sempre lhe sobravam também alguns tapas na cara, beliscões e gritos, muitos gritos horríveis, que ela pouco compreendia. Ela também não reagia, não entendia, apenas entristecia.

Esquecida, a menina negra crescia incompleta e silenciada. Não tinha brinquedos, não tinha colo, não tinha nada. O que lhe sobrava era o medo de tudo: não subia em árvores como as outras crianças, não olhava pra frente, não pedia comida, apenas esperava alguém lhe dar. No rosto, não havia espaço para sorriso, era triste, muito triste. Assim como a mãe, tinha um olhar perdido que vagava por terras distantes. Era uma criança, magra, doente, tinha sérios problemas respiratórios, sua pele era grossa, repleta de feridas. Os cabelos compridos eram muito mal tratados, em várias

regiões do couro cabeludo havia feridas e os piolhos se reproduziam de maneira acelerada e, ainda assim, era quase invisível.

E, à medida que crescia, sua tristeza também aumentava. Era difícil para a menina entender o incompreensível que a rodeava, aliás, ela pouco pensava nisso, apenas sentia uma dor que não cabia no peito, mas não sabia falar, emudeceram a menina, antes mesmo de pronunciar as primeiras palavras. Vez ou outra, alguém a questionava sobre as razões pelas quais era quase muda. A agrediam, a perturbavam querendo à força tirar algo dela, simplesmente por curiosidade, para sentir a reação daquela criatura, que achavam tão estranha e feia. Para a menina, as palavras daquelas pessoas tinham efeito de pedras atiradas sobre ela. A criança não reagia, não gritava por socorro. Quanto mais a pressionavam, mais a criaturinha se escondia do mundo. Quando tentava balbuciar algumas palavras, ela tremia, tremia muito, a voz embargava, o corpo ficava prestes a desfalecer, ela tinha medo. Medo da reação das pessoas, medo de ser vista, julgada, ignorada, agredida. Ela bem que tentava falar, mas não conseguia.

O tempo foi passando, a menina não era mais tão menina, era moça. Nesse período, já não estava mais na companhia da mãe e do padrasto. Morava com a avó, que enxergando a situação, resolveu pegá-la para criar. A senhora a tratava com carinho e paciência, pedia sempre para que ela erguesse os ombros e a cabeça. No início, era tudo muito estranho, afinal, ela nunca recebera orientação, atenção e cuidados, nunca antes havia sido instruída a respeito de nada.

Em ambiente diferente, a menina-moça começava aos poucos, bem aos poucos, a balbuciar as primeiras palavras, a transmitir emoções, a querer experimentar sensações. Era de poucas amizades,

tinha muita dificuldade em se aproximar das pessoas, mas devagar algumas colegas de escola iam se aproximando dela. No começo, apenas olhava as garotas conversando. Tinha medo, mas lentamente ela começou a sentar-se perto das meninas, que conversavam e perguntavam coisas sobre ela. Aos poucos, percebeu que podia confiar, viu que era possível se abrir com alguém, alguém de sua idade, que, talvez entendesse seus pedaços quebrados ou melhor, seus espaços fragmentados que nem se chegaram a construir.

E, dividindo suas dores, ela ia aprendendo que algumas pessoas eram confiáveis, percebeu que falar de si, era uma forma de visualizar um pouco de sua parte incompreensível, aprendia que também era importante ouvir, dar conselhos, escutar a própria voz, falando aos ouvidos das outras meninas. Vez ou outra, quando algo doía ao ser posto pra fora, a menina chorava, mas era um choro de alívio, eram lágrimas que escorriam para limpar a alma, para aliviar o coração. Devagar, ela aprendia que dividir tristezas era uma forma de aprender a conviver com as dores guardadas no espaço da memória. Na magia da cumplicidade, embalada pelos laços da amizade, quando ouvia algo triste de uma amiga, ela também chorava, como quem diz: estou aqui, se eu conto contigo, você também pode contar comigo.

Hoje, a menina negra cresceu, virou mulher, mas tem muito de menina. Ainda se entristece, vez ou outra, encontra-se perdida em seu vazio... chora. Um choro que em muitos momentos se faz pela necessidade de pôr pra fora emoções de um passado que ainda permanece muito vivo em sua memória, um tempo de muita ausência.

Mas a moça não desiste, quer crescer. Ainda não fala como gostaria, mas fala, reclama suas dores, seus medos, sua insatisfação. Reclama de uma sociedade que teima em lhe dizer para manter-se em seu lugar, ou melhor, em um não-lugar.

A menina-negra-mulher aprendeu a ser teimosa, a brigar consigo e com os outros, a procurar por si em todos os espaços, inclusive, dentro de si mesma. Medo? Ela tem e muito, mas está decida que não há opção, tem que continuar na caminhada. E, mesmo fragmentada, deslocada, indignada, por não encontrar todas as suas partes, ela segue, e, por vezes, dá até sorrisos, ergue a cabeça, pensa em si, pensa nos outros, pensa no tempo.

O abraço

Joely Coelho Santiago

Antes do sol botar a cara, já estamos de pé. Mamãe é faxineira, e faz de uma a duas faxinas por dia. Depende, da faxina, do dia. O que ela ganha é apenas o suficiente para pagar as contas de energia e o aluguel do barraco, em que vivemos hoje.

Há duas semanas, tínhamos aula “normal”. Eu e meus cinco irmãos estudávamos pela tarde na escolinha do bairro vizinho. Seguíamos com o tio Zezé até a parada do ônibus. Tio Zezé é entregador de comida. Na sombra do poste de eletricidade, esperávamos, enfileirados, o ônibus apontar, e como sempre, o ônibus chegava grosso de gente. O mormaço é grande. O sol é escaldante! Sinto escorrer o suor pelas costelas. Fumaça das fábricas invadem o abarrotado de sobreviventes da periferia, que saltam nos olhos a escassez de tudo. A vida segue nublada, mesmo nos dias mais ensolarados.

Ontem, à noite, teve tiroteio, balearam um menino pretinho-pretinho. Ninguém sabe quem foi. Ninguém viu. Só ouvimos. Sua mãe, dona Mariquinha, aos prantos-surdos, gritava por socorro e pedia que o filho cor-da-noite se levantasse do chão. Mamãe ainda não tinha chegado. Eu e meus irmãos escondemos nossos corpos esqueléticos debaixo daquilo que nomeamos por cama. A morte nos segue a passos de seda, por isso, mamãe já havia nos aconselhado a fazer esse mesmo ritual, sempre que ouvíssemos barulho de bala.

No sacolejo do ônibus, gente segue. No sacolejo do ônibus, gente cochila. Gente canta. Gente come. Gente passa batom cor encarnado, no sacolejo do ônibus. Luz vermelha. O ônibus para. Estico o pescoço para fora. Espio pela janela um dos carros, lá embaixo. Vi um homem no volante, uma mulher ao seu lado e duas crianças, no banco de trás. Parecem aquelas famílias de televisão. Estão limpos, com ar de perfume das rosas do jardim de dona Tomázia; as crianças vestem shorts cor azul-marinho e camisas brancas, tão brancas quanto o céu com nuvens de algodão rechonchudas, lá da rua grande; mochilas coloridas, com glitter e gel estampam super heróis e princesas com cabelos compridos e douradinhos; Lancheiras e aparelhos de joguinhos brilhantes, também, enxergo aqui de longe, do meu lugar, aqui de cima. Aqui de cima, pelas janelas itinerantes, tenho a oportunidade de ver o mundo mais colorido, menos dolorido, mais brilhante. Ter o viaduto e o esgoto a céu aberto como vizinho é ver a vida passar veloz por cima de nós, o tempo todo por todo o tempo, como se nem existíssemos.

Vovô Benhô, quando vivo, levava brinquedos, do lixão, até nós. Era uma festa! Outro dia, não faz muito tempo, ele levou um

par de patins. Estavam novinhos-novinhos. E teve uma vez, que ele levou uma bicicleta, sem uma de suas rodas. E foi nesse dia que eu aprendi a andar por cima de duas rodas, e a guardar os mais preciosos dizeres de vovô Benhô. Antes, caía da bicicleta por várias vezes. Ela parecia não me obedecer. Pensava em desistir. Chorava bastante, foi quando ele disse:

– Você cairá até aprender. Isso se chama Vida. Todas as vezes que você cair, o vovô da Cacuda lhe dará um abraço para mostrar que está aqui;. Sempre que se sentir triste sentirás o abraço de vovô Benhô e sentirás fortalecida. Não desista, Cacuda do vovô Benhô! Vovô estará sempre aqui para dar um abraço em você e em seus irmãos.

E foram com as palavras de vovô que aprendi a andar de bicicleta, e a levantar sempre que caísse. Benhô só não soube levantar seu corpo pretume magro, quando caiu na rua. Na época, ele seguia em sua bicicleta, transportando ferro velho e um par de chinelos, número dos pés de Lélia, minha irmã, na época com dois anos de idade. Em seu trajeto, vovô Benhô não foi visto por um motorista alcoolizado. E nós nunca mais vimos o vovô Benhô. Sinto o abraço do vovô, sempre-sempre. Todos os dias. O abraço do Benhô despista a fome que sinto; afugenta a miséria das panelas e a frieza nas noites frias e incertas. Tenho pensamentos incertos, vivo uma vida incerta desde que cheguei na cidade. No quilombo, vivíamos um pouco melhor. Vovó plantava arroz, milho, café, feijão. Não conhecíamos a fome. E papai, não conheço. Ele nos abandonou, quando minha mãe estava esperando minha irmãzinha. Seu rosto se fez poeira junto com sua presença.

O mundo parou, fechou suas janelas, suas portas, seu olhar.

Faz tempo que ele parou para os pretos favelados. Por ora, pensei que teria mais mamãe em casa com o tal mundo parado. Pediram para que ficássemos em casa. Mamãe não pôde ficar em casa. Mamãe não pôde pedir comida, para o tio Zezé entregar aqui na porta de casa. Ela continua a ocupar seus dias em faxinas e faxinas.

Eu, meus irmãos e as crianças do bairro fomos cadastrados em salas virtuais, pela escolinha do bairro. Pediram para que assistíssemos as aulas *on-line*, e para enviar as atividades resolvidas por ali mesmo. Acho que a Escola não lembra que nós existimos e do jeito que existimos. Nossos gritos são surdos. Ninguém vê. Ninguém escuta. Até nossas lágrimas nos abandonaram. Mamãe, quando soube quis tomar veneno. Chorou baixinho-baixinho, a noite toda. Ela é semianalfabeta, e preza por nossos estudos. Foi aí que lembrei a mamãe os dizeres do vovô Benhô.

Nossa escola, no bairro próximo, ficou mais distante do que nunca! Nenhum ônibus é capaz de chegar até ela. Ela é virtual. Não tem parada de ônibus e nem ônibus que nos leve até lá. Eu e meus nove anos de criança estamos auxiliando mamãe nas faxinas. Quando não tem faxina, nós vendemos balinhas nos semáforos. E cada dia que passa, a fome manda lembranças.

A vida não parou

O aluguel não parou

A taxa de energia não parou.

A fome é nossa fiel companheira. Sempre foi. Ela não nos abandona, diferente das nossas lágrimas...

Nosso mundo não parou, jamais parou. Parece montanha-russa que funciona deserta de gente viva. Essa montanha gira muito rápido; corpos esqueléticos não fazem peso. Aqui, continuamos

envoltos à uma exclusão infinita-infinita, que mais lembra estrelas no céu, em dias chuvosos.

Tio Dedé trabalhou-trabalhou. Ele trabalhou até fechar os olhos com falta de ar e dor no peito, na fila por atendimento médico. Não tinha leito para meu tio Dedé e mais tantas pessoas que aguardavam na fila de espera. Vi mamãe chorar a perca da vizinha do morro de baixo, o casal de velhinhos do morro da direita e o menino Zacarias, que mora na ladeira de dona Jurema. A vida dos pobres e dos favelados não parou. Continuou. Sinto falta do sacolejo do ônibus amontoado de gente, no caminho à Escola. Há meses, não vejo minha professora Dalva e nem meus colegas, muito menos a tia da cozinha, dona Zezita, que mora na outra viela.

Fim de faxina.

Chegaremos às oito e tantas da noite, com a lua que espalha formosura.

O céu está lindo, estrelado!

Em casa, meus irmãozinhos já estão recolhidos. Vejo as ruas passarem, uma por uma. Encosto a cabeça na janela do ônibus quase vazio. Mamãe está ao lado. A última parada é a nossa. Até lá tem chão. Mamãe pinga cansaço e tristeza, apenas isso. Nos dedos, a sacola enrolada com pedaços de carne frita e ossos para cozinhar com feijão. Beijo o ombro salgado de mamãe, e ela encosta meu rosto em seu peito, que bate curto-curto.

Suspiro. Os dizeres com o abraço mais forte e mais afetuoso do mundo nos acompanha.

Oito

Gracielle Fabiane de Arruda Costa

No dia 3 de maio, Alfredo abriu os olhos, de maneira repentina, às 07h15min da manhã, e se vendo atrasado deu um salto da cama, pisou no celular, que havia caído durante a noite, e ficou puto da vida!

Vestiu-se e foi para o trabalho que odiava, exclamando – “Quando mudo de vida, meu Pai?”, (entretanto, era ateu). E por que sempre me atraso? Parece um carma de outra vida, aff... Mas vou correr atrás do prejuízo e como sempre dará certo.

Alfredo tinha dois problemas incontroláveis, piscar os olhos quando nervoso e se coçar ao sentir cheiro de perfumes muito fortes. Mas como sempre estava atrasado, só lhe restava os coletivos mais lotados e, conseqüentemente, o cheiro de diferentes perfumes intensos.

Chegando ao seu trabalho encontrou sua colega Kovalska, que sempre perguntava sobre seus sonhos. O que era, sem dúvida,

uma tortura para Alfredo, que sempre tivera pesadelos terríveis. Porém topava revivê-los para que sua colega tivesse, quem sabe, uma chance de ganhar no jogo do bicho. Ao recordar dos sonhos, seus olhos piscavam muito depressa, o que era incômodo não apenas para ele, como também para quem o ouvia. Tudo isso aconecia, ao mesmo tempo em que trabalhavam. Tratava-se de um serviço metódico, mecanicista, repetitivo, logo cansativo e angustiante para ele.

E como meio de fuga, Alfredo pensava em seu casamento. Dia lindo de sol em uma fazenda como aquela dos filmes de Hollywood, cheio de árvores belas e altas, bancos organizados, e muitas flores brancas, tudo perfeito, com melhores amigos, família, a noiva...

O sino do almoço toca. Durante o almoço, Alfredo lembra de um evento há muito esperado, o bingo da igreja. Na cidade de Florianópolis, tem uma grande igreja que promove os maiores e mais empolgantes bingos da cidade.

Alfredo pressentindo que vai ganhar compra 8 cartelas. Segundo Alfredo, o 8 é seu número da sorte. E, evidentemente, ele não saiu espalhando por aí a sua vantagem.

O dia finda, ele vai para casa. Dias da semana se passam, a vida se repete...

É chegado o dia do grande bingo, mas para não perder o costume Alfredo se atrasa e mantém a fé, já que acordou às 8 horas e como todos sabem...

Chega exasperado a igreja com os olhos piscando e a pele embolada de se coçar, respira, avista Kovalska, claro ela gostava de toda e qualquer jogatina.

Porém, para o azar de Alfredo, na mesa ao lado da sua, estava um homem todo elegante, o seu perfume recendia todo o salão. Kovalska ao perceber brinca, dizendo: “Deve ser leonino”. Alfredo, no entanto, começa a se preocupar, pois sabe que mesmo tendo acordado às 8 horas, sendo dia 8/8/2008, tendo comprado 8 cartelas de bingo e escolhido sentar-se na mesa 8, ainda assim nada impediria a sua alergia a perfumes fortes e isso poderia atrapalhar até mesmo a sua sorte no jogo...

Ele faz todo o possível para se controlar, arruma as cartelas, se concentra, pensa no prêmio, bebe água, porém nada foi suficiente – o cheiro daquele homem, possivelmente leonino, se entranha em suas narinas, e Alfredo fica da cor de seus cabelos de vergonha do que virá a seguir.

Alfredo, no entanto, nem pensa em desistir, lembra do serviço dos dias repetitivos, do cansaço quase sem sentido de ser, mas sem resistir uma mão vai à coxa e outra ao rosto. E de modo inesperado, Kovalska encontra uma solução: a mesa 18 estava vazia e ela propõe que eles troquem de lugar – ai que alívio para Alfredo que já via indo embora sua oportunidade de ter um casamento tipo hollywoodiano, com sua noiva que nem sequer conhecera.

Por trás de um sorriso

Miriã da Silva Campos

Midyane era uma moça muito bela e preciosa, negra dos cabelos lisos, fazia de tudo para ajudar sua mãe. Trabalhava como empregada doméstica durante o dia, na parte da tarde, como panfleteira, e à noite ela estudava. Era de família humilde e honesta, a jovem entendia que estudando e dando duro no serviço, iria conseguir dar uma vida melhor para sua mãe. Seus pais eram divorciados e ela morava com sua mãe Elielde e seu irmão caçula, que trabalhava como roçador de café, mais conhecido como Demétrin da foice, ambos moravam na cidadezinha de Devertam.

Todos os dias ao sair para trabalhar, Midyane dava um beijo em sua mãe, e um precioso abraço, em passos curtos ela dizia: — Qualquer coisa me liga!

Além de trabalhar com os afazeres domésticos, a moça cuidava do velho “Sujis Mundo”, — que era muito rabugento e miserável — escondia dinheiro dos filhos e de si próprio,

urinava fora do vaso, e era uma grande luta pra ele tomar banho. Companheira e dedicada, a jovem negra era dona de um sorriso radiante, mas dentro de si carregava uma profunda tristeza, causada por um vírus transmitido por parte da humanidade, a crueldade e a maldade humana balançavam com a vida da moça.

Demétrin da foice trabalhava muito, passava 15 dias no campo, mesmo depois de ter desistido dos estudos contra a vontade de sua mãe, o rapaz se dedicava para contribuir dentro de casa, pois Elielde era doente e não podia trabalhar!

Sua mãe amigou com um homem extremamente esperto, frio e maléfico, o casal brigava muito. A família de Elielde odiava o marido dela, e aconselhava a mulher a terminar o relacionamento. Ele era alcoólatra e quebrava tudo dentro de casa, arrumava suas tramóias, era um cão, mentia muito, mas a mãe de Midyane pegava ele no flagrante, como ela falava “No empino do meio dia!”.

Era tão endiabrado, que a família de Midyane apelidou seu padraсто de Capiroto. A jovem chorava muito, entrava no meio das agressões que Capiroto praticava contra sua mãe e a defendia. O padraсто odiava a enteada e tinha muita raiva da família de Elielde. Todos sabiam o que ele era capaz de fazer. Um certo dia, a filha, para defender sua mãe das ofensas e surras que o cão praticava, entrou no meio da briga, e rufou um murro no focinho do padraсто. Ela era calma, mais não suportava mais a maldade humana, assim reagiu.

A mãe, apavorada com a situação, não contava nada para Demétrin, porque sabia que o filho não suportaria tamanha violência, e acabaria usando a foice para cortar os chifres do cão. Depois de muita luta, Elielde conseguiu sair do relacionamento

abusivo, e como todos temiam, ele odiando a jovem Midyane, entendeu que a moça era o motivo da separação. Capiroto passou a ameaçar de morte a filha de Elielde, queria matar a jovem de qualquer forma. A família de Midyane era do bem, procurou a delegacia, e mesmo com medida protetiva e muitos boletins de ocorrência não foi suficiente para garantir a segurança da jovem e de sua família. O cão tenta cumprir as ameaças. No portão da faculdade, sai a preciosa sempre com os livros nos braços, mesmo com todo o caos que vivia, não deixava de sorrir, e dizer todos os dias para sua mãe não se preocupar.

— A meta é ficar bem! — acompanhada de suas amigas, assim ela dizia e sorria.

Passos pequenos, sorrisos largos, antes de entrar no ônibus pra ir para casa, nossa Midyane liga para sua mãe, para avisar que estava saindo da faculdade. Um estrondo destruía a paz que havia ali, naquela ligação, a Elielde escutava gritos, choros. Midyane não respondia mais a sua mãe na ligação, minutos depois alguém pega o celular da jovem e avisa o acontecido.

O sangue escorria pelo estacionamento da faculdade, aos prantos, todos os alunos fizeram uma corrente de oração, pedindo a Deus pela vida da colega. Elielde desaba e vai ao encontro da filha no hospital, a maldade humana, abusiva, roubava todos os sonhos da jovem!

No hospital, a alma de Midyane entrava em um mar de tristeza. Nos pátios da faculdade, correntes de orações. A jovem saltava ondas.

Midyane, no seu interior, dizia: “Senhor até onde vai a nossa fé? Eu preciso voltar! A maldade humana não pode consumir o

meu ser e minha verdadeira fé, Deus”.

Os médicos lutam pra reanimar a moça, a mãe se desespera, gritos e gritos estavam no hospital, os sonhos estavam acabando, o brilho estava se apagando aos poucos. O mal não era tão forte a ponto de destruir a perseverança daquela mulher negra sorridente, que irradiava as ruas de Devertam!

Luta nossa neguinha, luta!

Os médicos vêm em direção da mãe desesperada, que está a espera de notícias positivas.

— Hoje não! — disse o médico, após sair da sala de cirurgia.
— Hoje o mal não venceu, Deus atendeu todas as nossas orações, agora sua filha está estável.

A faculdade e a cidadezinha de Devertam entra em festa!

Ao sair do hospital, nossa menina guerreira tem uma decepcionante notícia, o seu padrasto, depois de tudo isso, estava nas ruas de novo! Mas, nossa menina sorri novamente, pois está bem, mesmo com a falta de justiça no país em que vive.

A jovem negra continua sua rotina e luta pela sua sobrevivência! Novamente com um sorriso no rosto radiante, ilumina as ruas de Devertam de cabeça erguida.

Quem faz nosso dia e nosso tempo somos nós mãezinha, o coração do homem pode fazer pequenos e grandes planos, mas a resposta certa vem do céu, afirma nossa Midyane em uma conversa com Elielde.

Ao atravessar a rua, podem nos trazer um início ou, convenhamos, um fim!

EQUIPE RESPONSÁVEL PELO I CONCURSO LITERÁRIO DE CONTOS – IFRO/UNEMAT

Membros da Comissão Organizadora

Jeciane de Paula Oliveira (Docente/IFRO)

Laelba Silva Batista (Docente/IFRO)

Agnaldo Batista da Silva (Docente/UNEMAT)

Membros da Comissão Executora

Rodrigo Avelino Araújo (Técnico em Laboratório/IFRO)

Amanda Thaynara Santos Cardoso (Bolsista/IFRO)

Amaraya Rayssa Costa Surui (Bolsista/IFRO)

Geovana Rafaely Vieira da Fonseca (Discente/IFRO)

Gilson Divino Araújo da Silva (Docente/IFRO)

Joseane Soesade Surui (Discente/IFRO)

Kawanne de Azevedo Timblas (Discente/IFRO)

Laura Silva dos Santos (Discente/IFRO)

Maria Vitória Souza Rodrigues (Discente/IFRO)

Ana Claudia Servilha Martins (Doutoranda/UNEMAT)

Membros da Comissão Julgadora

Luana Soares de Souza (presidenta)

Erlândia Ribeiro da Silva (membro)

Márcia Mura (Márcia Nunes Maciel) (membro)

Suporte Técnico e Tecnológico

Rodrigo Avelino Araújo (Técnico em Laboratório/IFRO)

Sobre as autoras

CAMILA RODRIGUES FRANCISCO

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2016), mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2019). É Coordenadora da Proteção Social Especial de Alta Complexidade na Secretaria Estadual de Assistência Social e Cidadania em Mato Grosso. Doutoranda em Psicologia Social, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e membro do Coletivo de Pesquisadores Negres' Neusa Santos. Produtora editorial do Selo Literário Independente Itan, que busca promover a escrita de pessoas negras no estado de Mato Grosso.

ELAINE MÁRCIA SOUZA ROSA

Tem 48 anos, nascida em Governador Valadares/MG, vive em Rondônia desde os 11 anos, atualmente na cidade de Porto Velho, se reconhece mineira de nascimento e rondoniense de coração. “Mulher que apanhou, caiu e levantou! Aprendendo a se enxergar”. É Mestranda no Programa de Pós-Graduação *Stricto*

Sensu em Educação – Mestrado Profissional em Educação Escolar (PPGEE MP/UNIR); especialista em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar; Pedagoga; Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologia – GET /IFRO. Núcleo de Estudos sobre Gênero, Linguagens e Literatura e do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação Ambiental no contexto amazônico; Assistente de Alunos/IFRO.

ELIANE DA SILVA DENIZ

É doutoranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Possui mestrado em Ensino pela Universidade de Cuiabá (2018), graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2003). Atualmente, atua como professora efetiva da educação básica vinculada à Secretaria de Estado de Educação e Cultura (SEDUC-MT). Já foi diretora e coordenadora em escolas do campo.

ELIZABETE BATISTA FERREIRA MARQUES

Possui formação no 8º ano fundamental de Piano pela Academia de Música Ernesto Nazareth (2018). Possui graduação em Música pelo Centro Universitário Claretiano (2020) e pós-graduação *lato sensu* em Artes e Ludicidade na Educação pela Faculdade do Instituto Panamericano (2021). Atualmente, é professora particular de música.

GRACIELLE FABIANE DE ARRUDA COSTA

Nascida em Cuiabá, MT. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (2014), graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2019), especialização em PROEJA pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

de Mato Grosso (2019). Atualmente, cursa especialização em Mídias Digitais pela Universidade Federal de Mato Grosso. “Acredita que viver é como estar em meio a um multiverso de possibilidades.”

JOELY COELHO SANTIAGO

Filha de pais remanescentes de quilombolas, do Vale do Guaporé/RO. Possui Graduação em Letras, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (2017), Mestrado em História e Estudos Culturais, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (2019). Atualmente é bolsista pela CAPES e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI), da Universidade Federal do Acre (UFAC).

LUCIENE TEODORO DAS CHAGAS

É professora de Educação Infantil da SEMED/Rondonópolis-MT; pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade de Tangará da Serra (UNISERRA); formada em Pedagogia pela Faculdade Albert Einstein (FALBE – Brasília) e Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas – pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Escritora de diversos artigos que abordam temas relacionados à infância, às mulheres, ao preconceito e, principalmente, ao poder transformador da educação.

MIRIÃ DA SILVA CAMPOS

Estudante de Letras do *Campus* Universitário Professor Eugenio Carlos Stieler de Tangará da Serra, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

PATRÍCIA PEREIRA DA SILVA

Possui graduação em Licenciatura em Letras, Português e suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Rondônia (2020) e graduação em Tecnologia em Gestão Pública pelo Instituto Federal de Rondônia (2016). Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia. Coordenou o projeto de extensão “Lendo Mulheres Negras e Indígenas nas escolas de Porto Velho 1 e 2”, entre os anos de 2017 e 2019. Pesquisadora dos grupos de pesquisa em: Educação, Filosofia e Tecnologias (GET/IFRO/CNPq); Culturas, Educação e Linguagens (GECCEL/UNIR/CNPq); Poéticas Moderna e Contemporânea (UNIR/CNPq); e pesquisadora do Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios (Geru Maa/UFRJ/CNPq).

VANESSA SOUZA BATISTA

Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *Campus* Porto Velho Zona Norte, Polo de Buritis. Atualmente, é estagiária na EEEFM Professora Elvandas Maria de Siqueira, no município de Buritis/RO.





AGNALDO RODRIGUES DA SILVA

Pós-doutor da Universidade do Estado de Mato Grosso e membro da Academia Mato-Grossense de Letras. Atua nas áreas de Literatura Comparada, Literaturas Africanas e Teatro Contemporâneo em língua portuguesa. Das principais obras de criação literária (contos), encontram-se: *A penumbra*: (2004), *Mente Insana* (2008), *Dose de Cicuta* (2010), *Baú de Pecados* (2020) e a peça teatral *Fantasma em Vila Maria*.



LAELBA SILVA BATISTA

Mestra em Educação Brasileira, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Cultura Popular, Arte e Educação no Campo, pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Tem atuado nos seguintes temas: relações étnico-raciais, juventudes, educação e mulheres negras. Atualmente integra o Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais - NBLAC/UFCA.



JECIANE DE PAULA OLIVEIRA

Doutora e mestra em Estudos Literários, pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO). Integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos de Literatura: Memória e Identidade Cultural (UNEMAT) e do Grupo de Estudo em Território, Espaço e Sociedade na Amazônia (GETESA/IFRO). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira.



A presente obra é constituída por contos que permeiam vivências políticas, poéticas e cotidianas que revelam escritas de afeto, resistência, negritude, memória, oralidade. Nos becos de cada escrevivência são bordados verbos, linhas e parágrafos que ecoam vozes, solidão, abraços e sorrisos. A literatura produzida por essas mulheres se consolida pelo protagonismo feminino negro e pela valorização de vozes que foram silenciadas pela hegemonia.

(Prof^a Dr^a Luana Soares de Souza)

ISBN 978-65-86866-52-0



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado



EDITORA
UNEMAT



INSTITUTO
FEDERAL